



TRAGÉDIA NA VENEZUELA

Com as
mãos para
salvar vidas

Arquivo pessoal



Sadrad Bolívar tira pedaços de prédio, em Macuto, no estado de La Guaira

Sem equipamentos nem ferramentas, civis voluntários removem os escombros de edifícios, em uma corrida contra o tempo e a morte. Quatro dias depois do duplo terremoto, novos resgates alimentam a esperança de encontrar sobreviventes

» RODRIGO CRAVEIRO

Pilhas de escombros praticamente intocados se espalham pelo estado de La Guaira, a 30km de Caracas. Com o esgotamento da janela de 72 horas depois do duplo terremoto — em que as chances de vida para os soterrados são maiores —, socorristas fazem o que podem ante a precarização da infraestrutura de salvamento. Muitos voluntários, protegidos apenas por máscaras, usam as próprias mãos para procurar por sobreviventes. Aos 18 anos, Sadrad Rondón Bolívar passa parte do dia remexendo os destroços dos prédios ou arrecadando insumos para desabrigados. “Trabalhamos apenas com as mãos. Ontem (sábado), nos facilitaram mais voluntários e máscaras, mas não temos ferramentas. Os bombeiros não fazem o serviço de remoção de escombros. Somos nós, os civis, que fazemos esse tipo de trabalho”, afirmou ao Correio o rapaz, que viajou de Caracas à cidade costeira de Macuto, em La Guaira, para somar esforços na resposta à tragédia.

Na tarde de ontem, moradores da região de Tanaguarena, também em La Guaira, obrigaram militares a pegarem em pás e picaretas e trabalhar sobre um prédio desabado. “O país precisa de vocês. Baixe sua arma, largue as balas”, gritou, indignado, um homem a um militar, testemunharam jornalistas da agência France-Presse (AFP). O universitário Pedro José Mayz Infante, 25, viajou 90km de Santa Teresa del Tuy, no estado de Miranda, até Playa Grande, em La Guaira, na sexta-feira, antes da militarização da área. Além de ajudar a vasculhar os escombros, ele fez o papel de intérprete para socorristas estrangeiros e documentou os resgates. “Muitas pessoas estão trabalhando sem nada. Sem ferramentas, sem implementos, absolutamente nada. Sabemos como está a situação do país. Não há máscaras, capacetes, picaretas ou pás”, desabafou à reportagem. “Trabalhamos apenas com a força bruta.”

Javier Isac Alcántara Mosqueda, empresário de Caracas, contou ao **Correio** que várias pessoas têm se disponibilizado a ajudar nas buscas. “Tenho meu próprio

Miguel Medina/AFP



Imagem aérea mostra equipes removendo os escombros de um prédio em Caraballeda, também em La Guaira: devastação

negócio e saquei muito dinheiro para poder auxiliar. Em três dias, as pessoas fizeram mais coisas do que o governo, contribuindo nos hospitais e nos centros de apoio”, disse. “E, sim, é verdade, estamos levantando os escombros com as mãos. Eu não tinha luvas, óculos ou botas. Vim com roupa normal. Minha camisa e meus sapatos rasgaram, mas isso não importa. Estamos nos dando as mãos e mostrando nossa própria força. Pudemos salvar algumas pessoas, e isso é o que importa.”

“Não temos o apoio para tirar nossos familiares, nós mesmos não conseguimos”, desabafou à AFP Héctor Aguilera, de 60 anos. Quatro de seus familiares ficaram soterrados sob um prédio que desabou. Foram recuperados dois corpos sem vida. Os cadáveres são amontados em oito necrotérios improvisados, inclusive no estacionamento do Instituto Médico Legal.

De volta à luz

Belkys Barreto, 60 anos, resgatada depois de 86 horas sob os escombros. Moisés, 11, trazido de volta à superfície após ficar mais de 72 horas enterrado a 3m do solo. Além deles, um homem e seu filho adolescente foram liberados dos escombros em La Guaira. Exaustos e em choque, foram salvos do amontado de concretos por equipes de resgate da França e dos EUA. O menino foi retirado primeiro, com o corpo coberto de poeira, sangue no joelho e a mão enfaixada. Ele e o pai estavam com o tórax e as pernas expostos, cobertos por um pedaço de tecido. Os resgates trouxeram alguma esperança aos familiares de desaparecidos, que, segundo a ONU, passariam de 50 mil. A presidente da Venezuela, Delcy Rodríguez, anunciou que 33 pessoas foram salvas ontem.

Yubisay Carrasco esperava por notícias da ex-cunhada e de outros cinco conhecidos, que até o fechamento desta edição estavam soterrados em um prédio vizinho ao centro comercial Costa do Sol, em Caraballeda, no estado de La Guaira. “Agora há pouco, socorristas dos Estados Unidos trouxeram um cão farejador, depois de sentirem algum tipo de movimento sob o concreto. Eles viviam no quarto andar. Nos primeiros dias, havia pessoas gritando por ajuda debaixo dos escombros”, relatou ao **Correio**, com a voz cansada.

No início da noite, o governo atualizou os números sobre o duplo terremoto de magnitudes 7,2 e 7,5 na escala Richter: pelo menos 1.450 mortos, 3.150 feridos e 189 prédios colapsados. O papa Leão XIV expressou sua solidariedade com os venezuelanos e sua gratidão com os socorristas durante uma mensagem em espanhol.

Unidos pela dor



Arquivo pessoal

“Para mim, foi muito difícil trabalhar sem qualquer ferramenta. Além disso, o odor da putrefação... Cheguei a Playa Grande no terceiro dia. Muitos corpos estavam em decomposição. As altas temperaturas de La Guaira também acelera esse processo. Vários animais de estimação também apareciam mortos, com esgotamento ou asfixiados.”

Pedro José Mayz Infante, 25 anos, voluntário em Playa Grande (La Guaira)



Arquivo pessoal

“É duro presenciar tanto sofrimento do meu povo e ver corpos em decomposição. Como venezuelano e apaixonado pelo meu país, temos enfrentado tudo isso e colocado a cara à prova. Não tenho máquinas nem ferramentas, mas temos conseguido resgatar pessoas com as mãos.”

Sadrad Rondón Bolívar, 18 anos, morador de Caracas, voluntário em Macuto (La Guaira)

ORIENTE MÉDIO

Irã alerta navios sobre rota traçada em Ormuz

O Irã advertiu que qualquer embarcação que tente desviar da rota demarcada pelo país no Estreito de **Ormuz** “aumentará as tensões” no Oriente Médio. A troca de ataques entre Teerã e os Estados Unidos nessa estratégica via marítima colocou em xeque e expôs a fragilidade do acordo de cessar-fogo. Teerã respondeu aos bombardeios dos Estados Unidos na véspera contra seu território e disparou contra o Kuwait e o Bahrein. Iranianos e americanos acusam-se mutuamente de violar o cessar-fogo, acordado em um memorando de entendimento assinado em 17 de junho, relacionado ao controle do estratégico Estreito de Ormuz, bloqueado pelo Irã durante a guerra iniciada com os ataques conjuntos de Israel e dos Estados Unidos.

O chanceler iraniano, Abbas Araghchi, chegou, ontem, a Bagdá, de onde advertiu que “qualquer tentativa de adotar medidas novas ou diferentes daquelas que a República Islâmica do Irã está implementando apenas conduzirá a situações mais complicadas, atrasará a reabertura do Estreito de Ormuz e aumentará as tensões”. “Insto todas as partes a não interferirem na administração

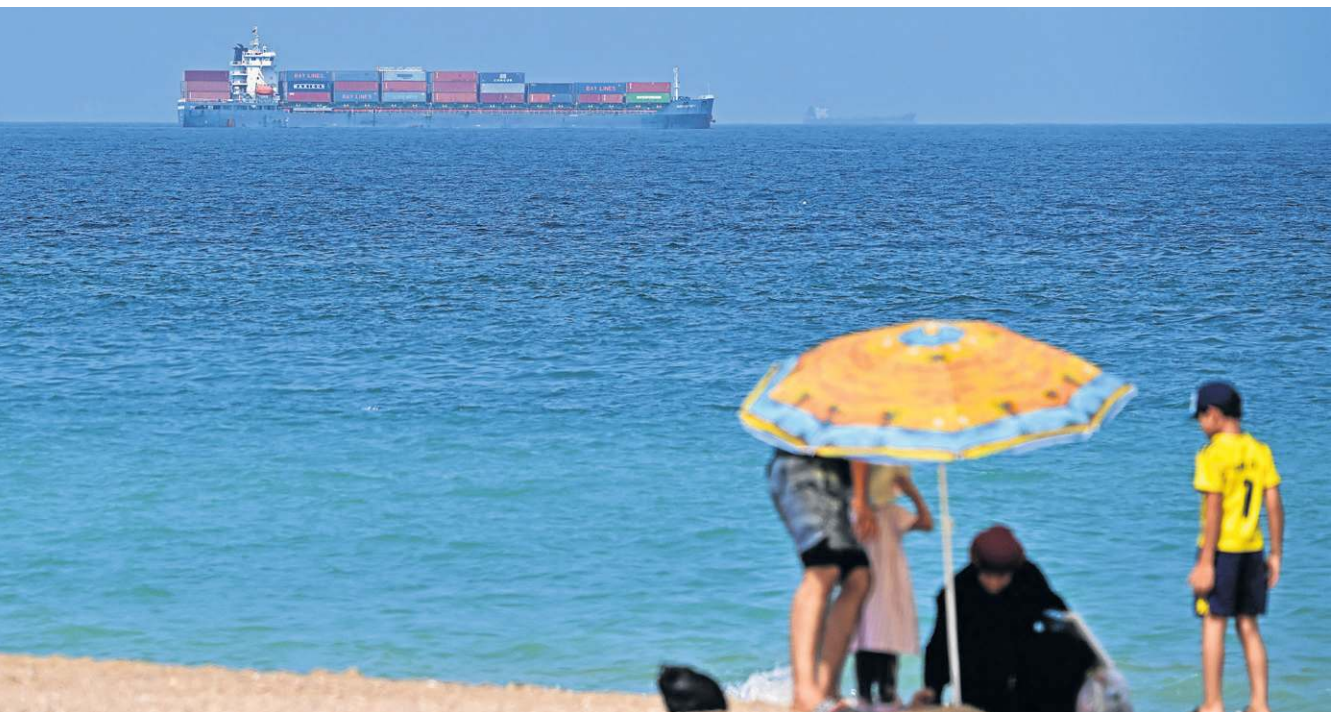
O futuro do estreito

O memorando de entendimento assinado por Washington e Teerã estabelece que o Irã se compromete a garantir a passagem segura de embarcações pelo Estreito de Ormuz e o restabelecimento do tráfego. Além disso, o documento menciona que Irã e Omã “colaborarão” para definir a futura administração do estreito.

wdo estreito (...) e a não permitirem que o memorando de entendimento se desvie de sua trajetória”, acrescentou. O chefe da diplomacia de Teerã também advertiu que “nenhuma outra instituição nem qualquer outro país”, além do Irã, é “responsável” pela administração do estreito.

O Irã vê com desconfiança o anúncio de Omã de uma rota próxima ao seu litoral, apresentada como uma iniciativa coordenada com a Organização Marítima Internacional (OMI), agência das Nações Unidas responsável pela segurança marítima.

AFP



Cargueiro é visto no Terminal de Contêineres de Khor Fakkan, no Emirado de Sharjah, situado no Golfo de Omã

A única rota autorizada pelo Irã é um corredor próximo ao seu litoral.

Desde quinta-feira, duas embarcações foram atingidas por projéteis de origem desconhecida no Estreito de Ormuz, incidentes que os Estados Unidos atribuíram ao Irã e aos quais responderam com bombardeios.

O presidente americano, Donald Trump, chegou a voltar a ameaçar aniquilar a República Islâmica. Na madrugada de ontem, os Guardiões da Revolução, o exército ideológico iraniano, afirmaram ter lançado mísseis e drones contra o Kuwait e o Bahrein.

Segundo os Guardiões da Revolução,

foram destruídas “oito importantes infraestruturas do Exército dos Estados Unidos na base Ali al Salem, no Kuwait, e a base da Quinta Frota Naval, no Porto Salman, no Bahrein”. Os Estados Unidos desmentem e garantem que o Irã não conseguiu atingir os seus alvos com sucesso.